

Nº 5

PRIMAVERA - VERÃO 2000
1.800 ESC.

PESSOA COMO CENTRO
REVISTA DE ESTUDOS ROGERIANOS

O COUNSELLING LE COUNSELLING

TRADUÇÃO DE RUTE BRITES



Françoise Doucroux-Biass

“Os homens podem aconselhar uma mulher a que fique só”
Men may conseille a wooman to be oon
Les hommes peuvent conseiller à une femme de rester seule

“Mas aconselhar não é mandar¹”
But conseilling is no commandment
Mais conseiller n'est pas commander¹

Resumo: Numa época em que o counselling não atravessa mais os oceanos, mas somente a Mancha, para se tornar inteiramente europeu, é aparentemente necessário retrazar o itinerário. Rogers foi a pedra de toque, que, através de uma prática particuçar, influenciou, desde há cerca de sessenta anos, as diferentes abordagens. É ainda útil relembrar que desde o início do século XX, a relação com o outro e o cuidado do outro tinham já criado, com maior ou menor felicidade, a noção de entrevista, etiquetada em seguida de psicológica. É o que se tenta fazer na primeira parte deste artigo.

Na segunda parte, através das diversas definições do termo counselling que foi colorido de diferentes formas nos países em que teve origem, tenta-se colocar em evidência aquilo que recupera e não recupera, todas as orientações psicológicas confundidas. Na hora da migração, muitas vezes na dor das populações através da Europa quando se fala de counselling, é importante falar não unívocamente, mas unânimemente.

Palavras-Chave: Counselling – Relação de Ajuda – Counselling Skills

Abstract: In a time where the counselling is no longer crossing the oceans, but only the ????, to become intirely european, is aparently necessary to redraw the itinerary. Rogers was the creator of a certain way of practice who influenced, in the last sixty years, the different approaches. It's usefull to remember that since the begimning of the XX Century, the relation with the other, the care for the other, had create, with more or less fortune, the notion of entreview, then labelled of psychological. This is what is attempted to do in the first part of this article.

The second part, through the several definitions of the term counselling, which was coloured of different ways in the countries where it had his origin, will try to put in evidence what it recovers and what it doesn't, all the confused psychological orientations. In the migration hour, often in the pain of the populations through the Europe, it's important to talk not of an ??? voice, but of an unanimous voice when we talk about counselling.

Key-Words: Counselling – Helping Relation – Counselling Skills

¹ Chaucer, 1340-1400 in “The Tale of the Wyf of Bathe”, The Modern Library, 1929, New York.

¹ Chaucer, 1340-1400 in «The Tale of the Wyf of Bathe», The Modern Library, 1929, New York

Como testemunham estes versos de Chaucer, o termo *Counselling*² tem como origem uma velha palavra francesa, da qual teríamos de lamentar o uso, se o conceito actual de "conselho" (conseil) não se tivesse desviado do sentido original para se tornar num "aconselhar" (conseiller), com uma forte conotação de comando implícito. Por acréscimo e com a modernidade, afastou-se do campo dos "bons conselhos" para se perder no da técnica: neste momento, designa tanto aquele que prediz conselhos, por vezes de forma muito disfarçada, como o próprio acto de aconselhar. Aí, estamos reduzidos a procurar substitutos metafóricos, ou então, a pedir emprestado onde a forma transporta ainda alguma flexibilidade no dizer, no fazer e no ser, como é o caso do termo "counselling".

1. Resumo Histórico

O *counselling* não é um termo novo: em 1909, nos Estados Unidos, Frank Parson referia-se já ao próprio acto em "Choosing a Vocation" (*Escolher uma Vocação*) enquanto que Binet, em França, o tinha precedido um ano quando pretendia "elucidar as crianças, desde a escola, sobre quais as profissões para as quais são mais aptas". E, sem querer fazer uma enumeração de todos os autores que utilizaram tanto o termo como aquilo que subentende, não podemos deixar de citar Rollo May. Com efeito, este psicólogo americano não escreveu, já em 1939: "The Art of Counseling" (*ortografia americana*), título que dispensa tradução? Na introdução, May apresenta o seu livro como "uma exploração num novo campo".

"Durante estes últimos anos", diz-nos ele, "não há somente o decano de um estudante brilhante que acabou de reprovar... o padre nas suas visitas familiares, o director de um campo de jovens à beira do lago... mas existe ainda uma quantidade de pessoas num considerável número de profissões que tomam consciência, de bom ou mau grado, que são vocacionados para fazer *counselling*, modelar personalidades. "Guia, conselheiro e amigo", eis o que todos somos assim que entramos na intimidade das pessoas...

Às vezes, o *counselling* é uma arte, mas uma arte que pode ser estimulada de uma forma particular, mais ainda que a pintura e a música. Porque são as pessoas que formam o meio no qual todos nós trabalhamos.

Comme en témoignent ces vers de Chaucer, le terme *Counselling*² a pour origine un vieux mot français dont nous n'aurions pas à regretter l'usage si sous son acception actuelle le 'conseil' n'avait pris le chemin de la déviance pour conseiller avec une intonation parfois proche du commandement implicite. De surcroît et avec la modernité, il s'est éloigné du champ des 'bons conseils' pour s'égarer dans celui de la technique: à l'heure qu'il est, il désigne aussi bien celui qui prodigue des conseils, parfois de manière très déguisée, que l'acte de conseil lui-même. Nous en sommes réduits à rechercher des substituts métaphoriques ou bien alors, à emprunter là où la forme convie encore une certaine souplesse du dire, du faire et de l'être, ce qui est le cas du terme « counselling ».

1. Aperçu historique

Le *counselling* n'est pas de toute première jeunesse: En 1909, aux Etats Unis, Frank Parson se référerait déjà à l'acte même dans «Choosing a Vocation» (*Choisir un métier*) alors que Binet, en France l'avait précédé d'un an lorsqu'il envisageait « d'avertir les enfants dès l'école des professions pour lesquelles ils sont le plus aptes ». Et sans vouloir faire une énumération de tous les auteurs qui utilisèrent tant le terme que ce qu'il sous-tend, nous ne pouvons faire l'impasse sur Rollo May. En effet, ce psychologue américain n'écrivait-il pas déjà en 1939 : «The Art of Counseling» (*orthographe américaine*), titre qui se passe de traduction? Dans l'introduction, May présente son livre comme «une exploration d'un champ nouveau».

« Au cours de ces dernières années », nous dit-il, « il n'y pas que le doyen d'un brillant étudiant qui vient de se faire recalier, ... le prêtre dans ses visites familiales, le directeur d'un camp de jeunes au bord du lac... mais encore une quantité de gens dans bon nombre de professions qui réalisent qu'ils sont appelés, bon gré mal gré, à faire du counseling, à modeler des personnalités. 'Guide, counselor et ami', voici ce que nous sommes tous lorsque nous entrons dans l'intimité des personnes...

Certes, le counseling est un art, mais un art qui peut être stimulé d'une manière particulière, plus encore que la peinture et la musique. Car ce sont les gens qui forment le milieu dans lequel nous travaillons tous.

Nas páginas que se seguem faz-se apelo à nova compreensão da personalidade que as autoridades modernas neste campo nos oferecem, e nomeadamente os psicoterapeutas Freud, Rank, Kundel e ... Adler... É evidente que no *counseling* não se utiliza a técnica dos psicoterapeutas enquanto tal; mas pode-se beneficiar das suas descobertas na aventura que constitui compreender as pessoas".

Em 1942, é a vez de Carl Rogers publicar "Counseling and Psychotherapy" (que traduzido erradamente³ em francês é: Relation d'Aide et Psychotherapie"). Na sua "nova abordagem" Rogers

"visa directamente a independência e a integração do indivíduo mais... que a assistência do *counsellor* na solução do problema. O que está no centro é o indivíduo e não o problema. O objectivo não é a resolução do problema, mas ajudar o indivíduo a crescer para que possa fazer face ao problema presente e mais tarde a outros problemas de uma forma mais integrada".⁴

À semelhança destas publicações, surgiu um bom número de artigos que se referiam explicita ou implicitamente ao termo *counselling*, tal como os dois "Rapports sur le Counseling" publicados no Boletim da Associação Psicológica Americana - Divisão 17, em 1952.

Em 1955, Donald Super escreveu no "Journal of Counseling Psychology" um artigo intitulado "Transition from Vocational Guidance to Counseling" ("De l'Orientation professionnelle au counseling, la transition"). Aí, ele dizia claramente:

"Em 1951, veio a ser utilizado nos Estados Unidos, de maneira súbita, não esperada, o nome de uma nova profissão psicológica. Em consequência, emergiu naturalmente um novo campo da psicologia... esta profissão era a de "Psicólogo do *Counseling* e o campo, o da Psicologia do *Counseling*".

Para além do facto de ter anunciado a profissionalização do *counselling*, é interessante para nós mencionar Super pois ele interveio na Europa, nomeadamente em França, onde fez uma série de conferências notadas sobre "As técnicas do conselho e a análise das entrevistas" cujo texto foi publicado no Bulletin de Psychologie de la Sorbonne (Paris, 1958-1959). Um artigo de A. Nepveu, intitulado "Les relations inter-

Dans les pages qui suivent il est fait appel à la nouvelle compréhension de la personnalité que nous offrent les autorités modernes de ce champ, et nommément les psychothérapeutes Freud, Rank, Kundel et ... Adler... Il est évident que dans le counseling on n'utilise pas la technique des psychothérapeutes en tant que telle; mais on peut profiter de leurs découvertes dans l'aventure que constitue comprendre les gens ».

Et en 1942, c'est au tour de Carl Rogers de publier 'Counseling and Psychotherapy' (que traduit de manière erronée³ le titre français : 'Relation d'Aide et Psychothérapie'). Dans sa «nouvelle approche» Rogers

« vise directement l'indépendance et l'intégration de l'individu plutôt... que l'assistance du counselor dans la solution du problème. Ce qui est au centre c'est l'individu et non le problème. Le but n'est pas la résolution d'un problème particulier, mais d'aider l'individu à grandir pour qu'il puisse faire face au problème présent et plus tard à d'autres problèmes d'une manière mieux intégrée. »⁴

A l'instar de ces parutions, bon nombre d'articles ont vu le jour qui se réfèrent explicitement ou implicitement au terme *counselling*, tels les deux 'Rapports sur le Counseling' parus dans le Bulletin de l'American Psychological Association - Division 17, en 1952.

En 1955, Donald Super écrivait dans le 'Journal of Counseling Psychology' un article intitulé 'Transition from Vocational Guidance to Counseling' ('De l'Orientation professionnelle au counseling, la transition'). Il y disait notamment ceci :

« En 1951, vint à être utilisé aux Etats Unis, de manière plutôt soudaine bien qu'attendue, le titre d'une nouvelle profession psychologique. En conséquence émergea naturellement un nouveau champ de la psychologie... Cette profession était celle de 'Psychologue du Counseling et le champ, celui de la Psychologie du Counseling ».

Outre le fait qu'il annonçait déjà la professionnalisation du *counselling*, il est intéressant pour nous de mentionner Super car il intervint en Europe et nommément en France où il fit une conférence remarquée sur «Les techniques du conseil et l'analyse des entretiens» dont le texte parut dans le Bulletin de Psychologie de la Sorbonne (Paris, 1958-1959). Un article de A. Nepveu, intitulé 'Les relations interpersonnelles en

² A ortografia inglesa (*counselling*) será utilizada ao longo de todo o texto, com excepção das referências americanas e dos termos "conseil" e "conseiller" que apenas figuram nas citações francesas.

² L'orthographe anglaise (*counselling*) sera utilisée tout au long de ce texte, à l'exception des références américaines et les termes 'conseil' et 'conseiller' ne figureront que dans les citations françaises

³ Ver: *Counselling Skills e relação de ajuda*

⁴ Rogers, C. (1942) *Counseling and Psychotherapy*: Houghton & Mifflin

³ Voir p. 9 : *Counselling skills et relation d'aide*

⁴ Rogers, C. (1942) *Counseling and Psychotherapy* : Houghton & Mifflin

personnelles en orientation scolaire et professionnelle; Le processus du conseil” seguiu a publicação de Super na revista BINOP (Paris, 1961). A era dos testes puros e de orientação sistemática via o seu declínio, para se instalar progressivamente a era do relacional.

Seria difícil e fastidioso querer citar todas as obras e artigos sobre o assunto que se seguiram. Mas é importante assinalar que o *counselling* foi e é ainda marcado pelo cunho das orientações psicológicas particulares nas quais ele se desenvolveu. Nomearei, entre outros, a abordagem psicodinâmica que tem as suas origens em Freud, a abordagem transacional com Berne, as abordagens cognitivistas - com Beck (cognitivo) e Ellis (racional emotivo) - ou ainda as abordagens humanistas tais como a Gestalt com Perls ou a Abordagem Centrada na Pessoa com Rogers e a Sistémica iniciada por Bertalanffy.

Parece-me importante indicar que alguns especialistas francófonos se debruçaram sobre a questão do conselho. É assim que é publicado em França, em 1976, um número da Revista “Santé Mentale” com o título “Le conseil Psychologique, Conférences-débats, 1975-1976” no qual alguns autores são mesmo levados a utilizar inabilmente a designação inglesa, sob a forma de “counceling” por analogia fonética, suponho, o termo de base “council” - e não “counsel” que designa uma *deliberação* (sublinhada por mim), uma consulta (Webster) - estando reservada aos conselhos de administração ou outros conselhos municipais e paróquias.

Por vezes esquecemo-nos que May anunciou algumas linhas mais acima: “são as pessoas que formam o meio em que todos nós trabalhamos”. Ora, os meios são singularmente multiplicados em função da evolução social desde o fim da guerra 39-45, o que teve como efeito a especialização do *counselling* em domínios particulares tais como o conjugal, o familiar, o pastoral, o pedagógico, o universitário, etc., ou ainda mais recentemente na luta contra o alcoolismo, a SIDA e outros, para não citar senão uma amostra muito reduzida das suas aplicações.

Bernard Honoré disse em 1975:

“O conselho profissionalizou-se: para cada tipo de dificuldade, em cada nível institucional, sobre o plano social, familiar, ... e isto sem contar todos os aspectos de adaptação da pessoa a todos os níveis da sociedade tecnicizada... Parece que nós estamos lá agora, no momento em que um novo direito está em desenvolvimento: o direito de se tornar actor da sua própria vida, ... quero dizer, altura medida de

orientation scolaire et professionnelle; Le processus du conseil” suivit la publication de Super dans la revue BINOP (Paris, 1961). L'ère des tests purs et de l'orientation systématique voyait son déclin, pour s'installer progressivement dans celle du relationnel.

Il serait difficile et fastidieux de vouloir citer tous les ouvrages et articles sur le sujet qui virent jour par la suite. Mais il est important de signaler que le *counselling* a été et est encore marqué des empreintes des orientations psychologiques particulières dans lesquelles il s'est développé. Je nommerai entre autres l'approche psychodynamique qui trouve ses origines chez Freud, l'approche transactionnaliste avec Berne, les approches cognitivistes - avec Beck (cognitive) et Ellis (rationnelle émotive) - ou encore les approches humanistes telles que la Gestalt avec Perls ou l'Approche centrée sur la personne avec Rogers et la Systémie initiée par Bertalanffy.

Il me semble important d'indiquer que certains spécialistes francophones se sont penchés sur la question du conseil. C'est ainsi que parut en France en 1976 un numéro de la revue ‘Santé Mentale’ avec pour titre «Le Conseil psychologique, Conférences-débats, 1975-1976» dans lequel certains auteurs se sont même hasardés à utiliser maladroitement l'appellation anglaise sous la forme de ‘counciling’ par analogie phonétique, je suppose, le terme de base ‘council’ - et non ‘counsel’ qui désigne une *délibération* [souligné par mes soins], une consultation (Webster) - étant réservé aux conseils d'administration ou autres conseils municipaux et de paroisse.

Par ailleurs n'oublions pas ce que May annonçait quelques lignes plus haut: ‘ce sont les gens qui forment le milieu dans lequel nous travaillons tous’. Or les milieux se sont singulièrement multipliés au gré de l'évolution sociale depuis la fin de la guerre 39-45 ce qui a eu pour effet la spécialisation du *counselling* dans des domaines particuliers tels que conjugal, familial, pastoral, pédagogique, universitaire, etc., ou encore plus récemment dans la lutte contre l'alcoolisme, le sida et autres, pour ne citer qu'un échantillonnage très réduit de ses applications.

Bernard Honoré disait en 1975:

« Le conseil s'est professionnalisé: pour chaque type de difficulté, à chaque niveau institutionnel, sur le plan social, familial, ...et cela sans compter tous les aspects d'adaptation de la personne à tous les rouages de la société technicisée...Il semble que nous soyons là, maintenant à un moment où un nouveau droit est en recherche: le droit de devenir acteur de sa propre vie,...je veux dire être en mesure de

escolher por si mesmo a via que se vai tomar, as soluções que se vão escolher para os problemas que se vive, não ter de escolher algumas soluções propostas por alguma coisa que está já organizada num sistema”.⁵

2. O que é o *counselling*? Tentativas de definição

O *counselling* não é mais que uma amálgama de práticas diversificadas, ou será que a própria palavra comporta um conceito unificador que sustém uma certa filosofia? De facto, o que é o *counselling*?

Direi, quanto a mim e para simplificar, que o *counselling* é antes de mais uma relação entre um que se dirige a outro e um a quem este outro se dirige, num quadro e num contexto particular, que tem por essência o “estar com” ou ainda o “ter conselho” para empregar a terminologia de Alexandre Lhotellier, co-autor de “La Relation de Conseil, le conseil sans conseils”. Nesta obra Lhotellier define o conselho como o estabelecimento

“de uma relação de um certo tipo que permite ao cliente, à pessoa em face, ganhar uma confiança em si mesma, de forma que lhe permita tomar positivamente uma decisão; é esse o significado, a teoria do conselho...toda uma filosofia de base...há toda uma noção de confiança no homem... é mais o problema da autonomia da pessoa que o da integração nas estruturas. Concluimos então que cada vez que reflectimos sobre a noção de conselho, haverá autonomia, mas haverá também adaptação, ajustamento, a “vida real”, ou seja, a criação, a criatividade.”⁶

“Todo o autor sabe que aquilo que escreve não é o traçado fresco dos seus pensamentos pessoais mas que se trata, de facto, de um conjunto de palavras e de ideias emprestadas de outros” (J. McLeod). No que respeita às minhas ideias e aos meus pensamentos tenho muitas vezes feito mais do que os tomar de empréstimo, tenho-os feito meus através das palavras e das frases daquelas que tenho encontrado pessoalmente ou ainda nas minhas leituras. Por isso, não hesitei em citar bastante alguns autores pois, sem me identificar com eles, sinto-me perfeitamente de acordo em relação àquilo que eles exprimem nas linhas transcristas.

John McLeod traça-nos um quadro bastante impressionante do *counselling* numa obra que ele, ino-

choisir soi-même la voie que l'on va prendre, les solutions que l'on va trouver aux problèmes que l'on vit, et non pas avoir à choisir quelques solutions proposées par quelque chose qui est déjà organisé en système.»⁵

2. Qu'est-ce que le *counselling*? Essais de définition

Le *counselling* n'est-il qu'un amalgame de pratiques diversifiées ou bien le mot est-il porteur d'un concept unificateur que sous-tendrait une certaine philosophie? En fait, qu'est-ce que le *counselling*?

Je dirai, quant à moi et pour simplifier, que le *counselling* est avant tout affaire de relation entre un <adressant> et un <adressé>, dans un cadre et un contexte particuliers, qui a pour essence ‘l'être avec’ ou encore le « tenir conseil » pour employer la terminologie d'Alexandre Lhotellier, co-auteur de « La Relation de Conseil, le conseil sans conseils ». Dans cet ouvrage Lhotellier définit le conseil comme l'établissement

« d'une relation d'un certain type qui permette au client, à la personne en face, de gagner une confiance en elle-même à un point qui lui permette de prendre positivement une décision; c'est cela le sens, la théorie même du conseil...toute une philosophie de base...il y a toute une notion de confiance en l'homme...c'est le problème autant de l'autonomie de la personne que l'intégration dans des structures. Nous avons donc à voir que chaque fois que nous réfléchissons à la notion de conseil, il y aura l'autonomie, mais il y aura aussi l'adaptation, l'ajustement, la vie ‘réelle’ c'est à dire la création, la créativité.»⁶

« Tout auteur sait que ce qu'il écrit n'est pas la fraîche épure de ses pensées personnelles mais qu'il s'agit, en fait, d'un assemblage de mots et d'idées empruntés à d'autres ». (J. McLeod). En ce qui concerne mes idées et mes pensées j'ai souvent fait plus que de les emprunter, je les ai faites miennes à travers les mots et les phrases de ceux que j'ai rencontrés de personne à personne ou encore au gré de mes lectures. C'est pourquoi je n'hésiterai pas à citer abondamment certains auteurs lorsque, sans m'identifier à eux, je me sens parfaitement chez moi dans ce qu'ils expriment dans les lignes ainsi considérées.

John McLeod nous brosse un tableau assez impressionnant du *counselling* dans un ouvrage qu'il a

⁵ Honoré, B. (1976). Le Conseiller et l'institution in Santé Mentale N.º 3, Paris.

⁶ Lhotellier, A. 1973 in C. Leroy et A. Lhotellier, La Relation de Conseil sans conseils, Toulouse: Privat.

⁵ Honoré, B. (1976) Le conseiller et l'institution in Santé Mentale No 3, Paris

⁶ Lhotellier, A. 1973 in C. Leroy et A. Lhotellier, La relation de conseil sans conseils, Toulouse: Privat

centemente, intitulou, "An Introduction to Counselling". É verdade que este livro destina-se, em primeiro lugar, aos leitores britânicos, já bem habituados à consonância do termo, e aí ele não é senão uma introdução pois, por falta de protagonistas, os exemplos vindos de outros países da Europa não são numerosos. É necessário admitir, com efeito, que no nosso continente é na Grã-Bretanha que o *counselling* se desenvolveu profissionalmente de forma estruturada desde os anos 70, inscrevendo-se assim na continuação dos movimentos benévolos que tinham desabrochado nesse país desde o fim da segunda guerra mundial. Para dar crédito ao que o precede, assinalarei simplesmente e aproximativamente que a BAC (*British Association for Counselling*) tem actualmente cerca de quinze mil membros e que não é a única associação de profissionais de *counselling* em Inglaterra...

"Sempre me pareceu, diz John McLeod, que o *counselling* era uma actividade ao mesmo tempo simples e extremamente complicada. O que há de mais simples, com efeito, que falar dos seus problemas a alguém que está preocupado e interessado neles? O que pode ser mais complicado é o que se passa no dizer e no escutar, o conhecer e ser conhecido, o reflectir e agir. Em *counselling*, as pessoas falam de tudo e de nada. A relação que se estabelece entre um *counsellor* e a pessoa que o consulta tem lugar simultaneamente a nível físico e corporal e, através da palavra, a nível dos pensamentos, sentimentos e recordações de cada um dos participantes... Sempre pensei que o *counselling* era uma actividade interdisciplinar. O que aí se passa não pode, em nenhum caso, ser reduzido de maneira satisfatória à psicologia. É em parte psicológico, mas é também social, cultural, espiritual, filosófico, estético e muito mais ainda. Estou certo que para dar sentido ao *counselling*, é necessário compreender que se trata de uma disciplina fragmentada que contém diferentes tradições e escolas de pensamento e que releva a teoria, a investigação e a prática."⁷

Então, o que é o *counselling*? Para McLeod, ainda:

"Não é somente alguma coisa que se passa entre duas pessoas. É também uma instituição social que está enraizada na cultura

innocemment intitulé, « An introduction to Counselling ». Il est vrai que ce livre s'adresse d'abord à des lecteurs britanniques, déjà bien aguerris par la consonance du terme, et qu'en cela il n'est peut-être qu'une introduction car, faute de combattants, les exemples empruntés à d'autres pays d'Europe ne sont pas nombreux. Il faut bien admettre, en effet, que sur notre continent c'est en Grande-Bretagne que le *counselling* s'est développé professionnellement de manière structurée depuis les années 70 prenant ainsi la relève de mouvements bénévoles qui avaient fleuri dans ce pays dès la fin de la deuxième guerre mondiale. Pour donner crédit à ce qui précède, je signalerai simplement et approximativement que la BAC (*British Association for Counselling*) compterait actuellement autour de quinze mille membres et qu'elle n'est pas la seule association de professionnels du *counselling* en Angleterre...

« Il m'a toujours semblé, dit John McLeod, que le *counselling* était une activité à la fois simple et extrêmement compliquée. Qu'y a-t-il de plus simple, en effet, que de parler de ses problèmes à quelqu'un que cela concerne et intéresse ? Ce qui peut être si complexe c'est ce qui se passe dans le dire et l'écouter, le connaître et être connu, le refléter et l'agir. En *counselling*, les gens parlent de tout et de rien. La relation qui s'établit entre un *counsellor* et la personne qui le consulte prend place simultanément au niveau physique et corporel et, à travers la parole, au niveau des pensées, sentiments et souvenirs de chacun des participants... J'ai toujours pensé que le *counselling* était une activité interdisciplinaire. Ce qui s'y passe ne peut en aucun cas être réduit de manière satisfaisante à la psychologie. C'est en partie psychologique, mais c'est aussi social, culturel, spirituel, philosophique, esthétique et bien plus encore. Je suis certain que pour trouver son sens au *counselling*, il faut comprendre qu'il s'agit d'une discipline fragmentée qui contient différentes traditions et écoles de pensée et qui relève de la théorie, de la recherche et de la pratique. »⁷

Alors qu'est-ce que le *counselling* ? Pour McLeod, encore,

« ce n'est pas seulement quelque chose qui se passe entre deux personnes. C'est aussi une institution sociale qui est enracinée dans la

das sociedades modernas. É uma actividade, uma disciplina de origem relativamente recente. »⁸

Esta última constatação torna ainda mais difícil conceber o problema na sua realidade objectiva. Se a noção de movimento no tempo nos dá a possibilidade de ver a evolução do *counselling* desde o seu início, ela não permite captar no que este se tornará num futuro próximo dado que, nos nossos dias, a mudança político-social, à partida cultural, ocorre rapidamente. A identificação de cada um pela sua actividade profissional é uma questão que se põe. Da mesma forma interrogamo-nos sobre o futuro da integração social de todos pelo emprego. O *counselling* está em marcha socialmente, e dessa marcha deriva a evolução conceptual que é produzida no aqui e agora. Eis porque as numerosas definições se contradizem ou se intrincam e deixam para trás um gosto de insatisfação àquele que espera muito, mas que permite àquele que se aventura sobre o mesmo caminho o descobrir progressivamente o sentido que se adapta à situação presente.

Em 1979, Burks e Steffire, citados por McLeod, definiam o *counselling* como:

"Um meio de ajudar os clientes a clarificar o olhar que eles tinham sobre a sua existência e a aprender a alcançar os objectivos que tinham fixado através de escolhas bem estudadas e com sentido aos seus próprios olhos, e igualmente através da resolução de problemas de ordem emocional e interpessoal."⁹

Esta definição retoma as ideias que Lhotellier tinha em 1973, ainda que falte a ideia de integração nas estruturas que me parece capital para que se conclua a obra do *counselling*.

Em 1995, Colin Feltham, no seu livro intitulado "What is Counselling (O Que é o Counselling?)" retoma, em parte, a definição que ele tinha dado com Dryden em 1992, e que ele precisa com comentários mais recentes. Definição e comentários lêem-se nestes termos:

"O *counselling* é uma relação baseada em princípios bem definidos, caracterizado pela aplicação de uma ou mais teorias psicológicas e de saber fazer reconhecidos, modificados pela experiência, pela intuição ou outros factores, as preocupações, problemas e aspirações íntimas do cliente. O clima que predomina é o da facilitação, mais que o do constrangimento ou dos conselhos a seguir. A relação de *counse-*

culture des sociétés modernes. C'est une activité, une discipline d'origine relativement récente ».⁸

Cette dernière constatation rend plus difficile encore de cerner le problème dans sa réalité objective. Si la notion de mouvement dans le temps nous donne la possibilité de voir l'évolution du *counselling* depuis ses débuts, elle ne permet pas de capter ce qu'il en adviendra dans un futur même proche tant, de nos jours, le changement politico-social, partant culturel, est rapide. L'identification de chacun par son activité professionnelle se pose. De même on s'interroge sur l'avenir de l'intégration sociale de tous par l'emploi. Le *counselling* est en marche socialement et de cette marche découle l'évolution conceptuelle qu'elle engendre dans l'ici et maintenant. Voici pourquoi les nombreuses définitions se contredisent ou se chevauchent et laissent un arrière goût d'insatisfaction à celui qui en attend trop, mais qui permet à celui qui s'aventure sur le même sentier de découvrir progressivement le sens qui s'adapte à la situation présente.

En 1979, Burks et Steffire cités par McLeod définissaient le *counselling* comme:

« un moyen d'aider les clients à clarifier le regard qu'ils avaient sur leur existence et à apprendre à atteindre les buts qu'ils s'étaient fixés au moyen de choix bien étudiés ayant un sens à leurs yeux, et également au travers de la résolution de problèmes d'ordre émotionnel et interpersonnel. »⁹

Cette définition rejoint les propos que Lhotellier tenait en 1973, encore qu'il y manque l'idée d'intégration dans les structures qui me semble capitale pour que s'accomplisse l'oeuvre de *counselling*.

En 1995, Colin Feltham dans son livre intitulé « What is Counselling (Qu'est-ce que le Counselling ?) » reprend en partie la définition qu'il en avait donnée avec Dryden en 1992 et qu'il précise avec des commentaires plus récents. Définition et commentaires se lisent en ces termes :

« Le *counselling* est une relation basée sur des principes bien définis, caractérisée par l'application d'une ou plusieurs théories psychologiques et des savoir-faire reconnus, modifiés par l'expérience, l'intuition ou autres facteurs, aux préoccupations, problèmes et aspirations intimes du client. Le climat qui prédomine est celui de la facilitation plutôt que de la contrainte ou des conseils à suivre. La relation

⁷ McLeod, J. 1998. An Introduction to Counselling, Buckingham: Open House University Press.

⁷ McLeod, J. 1998. An Introduction to Counselling, Buckingham: Open House University Press.

⁸ *Ibid.*
⁹ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*
⁹ *Ibid.*